

A. G. HOWARD

O LADO MAIS SOMBRIO

Tradução:
Denise Tavares Gonçalves



Passagem de ida para o submundo

Coleciono insetos desde os dez anos de idade; foi o único jeito que encontrei de silenciar seus sussurros. Espetar um alfinete em sua barriga os silencia rapidamente.

Algumas das minhas vítimas perfilam as paredes em molduras tipo caixa, enquanto outras ficam nas prateleiras dentro de potes de vidro para serem usadas depois. Grilos, besouros, aranhas... Abelhas e borboletas. Não sou seletiva. Assim que ficam tagarelas demais, tornam-se presa fácil.

Capturá-los não é difícil. Você só precisa de um balde de plástico com tampa cheio de granulado higiênico para gatos e algumas cascas de banana jogadas por cima. Faça um buraco na tampa, enfie nele um tubo de PVC e terá uma armadilha para insetos. As cascas de fruta os atraem, a tampa os prende e a amônia do granulado os sufoca e preserva.

Os insetos não morrem em vão. Eu os uso em minha arte, dispondo seus cadáveres em formatos e desenhos. Flores secas, folhas e cacos de vidro dão cor e textura aos desenhos feitos sobre uma base de gesso. Essas são minhas obras de arte... Meus mórbidos mosaicos.

Hoje a escola dispensou os formandos ao meio-dia. Estou há uma hora debruçada sobre meu projeto mais recente. Há um pote de aranhas entre as ferramentas de artesanato que se acumulam sobre a minha escrivaninha.

Pela janela do meu quarto entra uma brisa doce que cheira a arnica. Há um canteiro de ervas vizinho ao meu dúplex, o que atrai uma espécie de aranha caranguejeira que muda de cor — como um camaleão de oito patas — para poder se mover de modo imperceptível por entre as flores amarelas e brancas.

Abro a tampa de rosca do vidro, retiro trinta e cinco das pequenas aranhas brancas com uma pinça longa, tomando cuidado para não esmagar seus abdomens nem quebrar suas patas. Usando alfinetes pequenos, prendo-as sobre uma base de gesso pintada de preto e revestida de besouros selecionados por suas cascas furta-cor escuras. O que pretendo criar não é um simples céu salpicado de estrelas; é uma constelação em espiral como plumas feitas de raios de luz. Existem centenas de cenas como essa inundando a minha cabeça sem que eu faça a menor ideia de onde vêm. Meus mosaicos são a única maneira de colocá-las para fora.

Recostada em minha cadeira, estudo a obra. Quando o gesso secar, os insetos estarão colados ali de modo permanente. Então, qualquer ajuste necessário terá de ser feito rapidamente.

Dou uma olhada no relógio digital ao lado da cama, batendo o dedo de leve no lábio inferior. Tenho menos de duas horas para encontrar meu pai na clínica. Já é uma tradição às sextas-feiras desde o jardim de infância: comprar sorvete de *cheesecake* e chocolate para tomar com Alison.

Cérebro e coração congelados não são exatamente minha ideia de diversão, mas meu pai insiste que é uma terapia para todos nós. Talvez ele pense que, ao ver minha mãe, ao sentar-me lá onde um dia provavelmente estarei, conseguirei enganar meu destino.

Pena que ele esteja errado.

Pelo menos algo de bom aconteceu por causa da minha insanidade hereditária. Sem as alucinações, eu provavelmente nunca teria encontrado um modo de me expressar artisticamente.

Minha obsessão por insetos começou em uma sexta-feira, na quinta série. Tinha sido um dia daqueles. Taelor Tremon dissera a todo mundo que eu era parente de Alice Liddell, a garota que havia inspirado o romance *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll.

O fato de Alice ser, na verdade, minha tataravó fazia com que minhas colegas implicassem comigo nos intervalos falando de Camundongos e chás dançantes. Quando eu pensava que as coisas não poderiam piorar, senti algo na minha calça jeans e percebi, mortificada, que havia menstruado pela primeira vez e estava totalmente despreparada. Prestes a chorar, peguei um suéter da pilha de achados e perdidos ao lado da entrada principal e o amarrei na cintura para ir até a secretaria. Mantive a cabeça abaixada, incapaz de encarar qualquer pessoa.

Fingi que estava doente e liguei para que meu pai viesse me buscar. Enquanto esperava por ele na enfermaria, imaginei uma discussão calorosa entre o vaso de flores na mesa da enfermeira e a abelha que zunia em volta dele. Foi uma alucinação das fortes, porque eu realmente *ouvi* a discussão, tão nitidamente quanto podia ouvir os alunos passando de uma sala para a outra do lado de fora da porta.

Alison já havia me alertado sobre o dia em que me “tornaria mulher”. E para o burburinho que viria depois. Pensei que era apenas sua instabilidade mental que a fazia dizer aquilo...

Os sussurros eram impossíveis de ignorar, assim como os soluços que iam se acumulando em minha garganta. Fiz a única coisa que podia: neguei o que acontecia dentro de mim. Enrolei um cartaz da pirâmide alimentar e bati na abelha com força suficiente para atordoá-la. Então, tirei as flores da água e as coloquei dentro das páginas do caderno de espiral, de modo a silenciar aquelas pétalas tagarelas.

Quando chegamos em casa, meu pai, distraído, ofereceu-se para fazer um caldo de galinha. Coitado! Dei de ombros e fui para o meu quarto.

— Você acha que estará bem para visitar sua mãe mais à noite? — ele perguntou do corredor, sempre relutante em alterar o delicado senso de rotina de Alison.

Fechei a porta sem responder. Minhas mãos tremiam e o sangue pulsava nervosamente nas veias. Deveria haver uma explicação para o que acontecera na enfermaria. Eu estava estressada por causa das brincadeiras sobre o País das Maravilhas e então, quando meus hormônios se manifestaram, entrei em pânico. Sim. Fazia sentido.

Mas eu sabia bem lá no fundo que estava mentindo para mim mesma e que o último lugar para onde eu queria ir era a uma clínica psiquiátrica. Alguns minutos depois, voltei para a sala.

Meu pai estava sentado em seu posto favorito — uma poltrona de veludo cotelê puída e revestida de apliques de margarida. Em um de seus ataques, Alison costurara as flores em todas as partes. Agora ele nunca iria se desfazer dela.

— Está se sentindo melhor, Borboletinha? — ele perguntou, olhando por cima da revista de pesca.

Um vento úmido e com cheiro de mofo veio do ar-condicionado direto para o meu rosto quando encostei na parede de madeira próxima a ele. Nosso dúplex de dois quartos nunca oferecera muito em termos de privacidade, mas naquele dia parecia menor do que nunca. As ondulações do cabelo escuro de meu pai moviam-se freneticamente.

Troquei os pés de lugar. Essa era a parte de ser filha única que eu detestava — não ter mais ninguém para quem contar as coisas além do meu pai. — Preciso de mais dessa coisa. Eles só deram um de amostra.

Seu olhar estava vazio, como o de um cervo observando o tráfego na hora do rush matinal.

— A palestra especial que deram na escola — eu disse, com um nó no estômago. — Aquela para a qual os meninos não são

convidados? — Mostrei o panfleto lilás que distribuíram para todas as garotas da terceira série. Estava amassado porque eu o jogara junto com o absorvente de amostra dentro de uma gaveta debaixo das meias.

Depois de uma pausa incômoda, o rosto do meu pai ficou vermelho. — Ah. Então é por isso que... — Ele ficou repentinamente interessado em uma coleção de iscas de água salgada coloridas. Ficou envergonhado ou preocupado, ou ambos, já que não havia nenhum traço de água salgada em um raio de quinhentas milhas de Pleasance, Texas.

— Você sabe o que isso quer dizer, certo? — pressionei. — Alison vai me dar aquele sermão sobre puberdade de novo.

A vermelhidão passou de seu rosto para as orelhas. Ele folheou algumas páginas, olhando as imagens com indiferença. — Bem, quem melhor que sua mãe para lhe falar sobre passarinhos e abelhas, certo?

Uma resposta silenciosa ecoava dentro de minha cabeça: *Quem melhor que as próprias abelhas?*

Pigarreei. — Não esse sermão, pai. Aquele da loucura. O “Nada as detém. Você não pode escapar das vozes mais do que eu. Sua tataravó nunca devia ter entrado naquela conversa da toca do coelho”.

Não importava que Alison estivesse certa sobre as vozes. Eu não estava pronta para admitir aquilo para meu pai e nem para mim mesma.

Ele sentou-se com a postura ereta, como se o ar-condicionado tivesse congelado sua espinha.

Estudei as linhas em zigue-zague da palma da minha mão. Tanto ele como eu sabíamos que o que ela me diria importava menos do que o que poderia fazer. Se ela tivesse outro ataque, a colocariam em uma camisa de força.

Aprendi logo por que se chama *de força*. Porque força nesse contexto significa *apertar*. Porque força tanto que o sangue fica represado nos cotovelos, deixando as mãos dormentes. Aperta o necessário para que o paciente não consiga escapar, não importa o quanto ele grite. Aperta tanto que sufoca os corações daqueles que amam aquele que a veste.

Meus olhos pareciam inchar, como se fossem explodir em lágrimas novamente. — Olha pai, já tive um dia horroroso. Podemos simplesmente não ir hoje à noite? Só desta vez?

Meu pai suspirou. — Vou ligar para a clínica e avisar que visitaremos sua mãe amanhã. Mas você precisa contar para ela em algum momento. É importante para ela, você sabe. Participar da sua vida.

Concordei, fazendo um gesto com a cabeça. Pode ser que eu conte a ela que estou me tornando mulher, mas não preciso contar que estou me transformando *nela*.

Brincando com o lenço fúcsia amarrado ao redor do meu short jeans, olhei de relance para os meus pés. As unhas pintadas de rosa cintilante refletiam a luz da tarde que penetrava pela janela. Rosa sempre fora a cor preferida de Alison. Era por isso que eu usava.

— Pai — murmurei alto o suficiente para que ele ouvisse. — E se Alison estiver certa? Percebi algumas coisas hoje. Coisas que não são... normais. Eu não *sou* normal.

— Normal. — Ele curvou os lábios, naquele seu estilo Elvis. Uma vez ele me contou que foi com esse sorriso que conquistou Alison. Acho que foi com sua gentileza e senso de humor, porque essas eram as duas únicas coisas que me faziam parar de chorar todas as noites depois que ela foi internada.

Ele enrolou a revista e atirou-a na poltrona entre a almofada e o braço. Parou em pé, sua altura de um metro e oitenta e seis se impondo sobre mim, enquanto segurava e tocava a covinha do meu queixo — a única parte minha que vinha dele e não de Alison. — Agora, me escute, Alyssa Victoria Gardner. *Normal* é algo subjetivo. Nunca deixe que ninguém lhe diga que não é normal. Porque para mim você é. E a minha opinião é que vale. Entendeu?

— Entendi — sussurrei.

— Bom. — Ele me apertou o ombro, os dedos calorosos e fortes. Pena que um tremor em sua pálpebra esquerda o denunciava. Estava preocupado e mal sabia da metade.

Me revirei na cama aquela noite. Quando finalmente peguei no sono, tive um pesadelo com Alice pela primeira vez, e ele vem me assombrando desde então.



Nele, atravesso aos tropeços um tabuleiro de xadrez no País das Maravilhas, saltando sobre quadrados pontiagudos pretos e brancos. Só que não sou eu. Sou Alice em um vestido azul com avental rendado, tentando escapar do tique-taque do relógio de bolso do Coelho Branco. Ele parece que foi esfolado vivo — praticamente pele e osso com orelhas de coelho.

A Rainha de Copas ordenou que minha cabeça fosse degolada e colocada em um vidro com formol. Roubei a espada real e estou fugindo, desesperada, para encontrar a Lagarta e o Gato de Cheshire. São os únicos aliados que me restam.

Adentro uma floresta e, agachada, abro caminho cortando trepadeiras com a espada. Um matagal de espinhos brota do chão. Eles agarram meu avental e minha pele como pequeninas garras enfurecidas. Árvores de dente-de-leão estão por toda parte. Sou do tamanho de um grilo, assim como todo mundo.

Deve ter sido algo que comi...

Logo atrás, o relógio do Coelho Branco faz tique-taque cada vez mais alto, mais do que os passos da marcha de mil soldados de cartas de baralho. Engasgo com uma nuvem de poeira e me lanço na toca da Lagarta, de onde brotam cogumelos do tamanho de pneus de caminhão. Não há saída.

Só de olhar para o cogumelo mais alto, meu coração dispara. O lugar onde a Lagarta costumava se sentar, dar conselhos e oferecer sua amizade virou uma massa espessa de fios de teia de aranha. Algo se move lá dentro, um rosto pressiona o casulo, e se move o suficiente para que eu possa distinguir apenas seu formato, mas não detalhes. Chego um pouco mais perto, desesperada para identificar quem ou o quê está lá dentro... mas a boca do Gato de Cheshire aparece flutuando, gritando que perdera seu corpo, e me distrai.

O exército de cartas aparece. Em menos de um segundo me vejo cercada. Jogo longe a espada, mas a Rainha de Copas se aproxima e agarra o objeto em pleno ar. Caio de joelhos aos pés do exército, implorando por minha vida.

É inútil. As cartas não têm ouvidos. E eu não tenho mais cabeça.



Depois de cobrir meu mosaico de aranhas estreladas com um pano enquanto o gesso seca, pego um pacote de nachos e me dirijo à pista de skate do parque de Pleasance para matar o tempo antes de me encontrar com meu pai para ir à clínica.

Sempre me senti em casa aqui, nas sombras. O parque fica em uma antiga mina de sal abandonada, uma imensa caverna subterrânea que em alguns pontos chega a alcançar quinze metros de altura. Antes de ser reformado, o lugar era usado para armazenar produtos de uma base militar.

Os novos proprietários retiraram a iluminação original e, com tinta fluorescente e luz negra, transformaram o lugar no sonho de qualquer adolescente — uma área de recreação de atmosfera escura com iluminação ultravioleta equipada com uma pista de skate, um campo de minigolfe fluorescente, um salão de jogos e um café.

Com uma pintura verde neon, a grande “tigela” de cimento sobressaía como um farol de luz verde. Os skatistas têm de assinar um termo de responsabilidade e colocam uma fita fluorescente laranja em seus skates para evitar colisões no escuro. A certa distância, parecemos vaga-lumes que se alternam numa espécie de aurora boreal, deixando rastros brilhantes.

Comecei a andar de skate quando tinha quatorze anos. Precisava de um esporte que pudesse praticar enquanto usava meu iPod e fones de ouvido para abafar os ruídos dos insetos e flores. Acima de tudo, aprendi a ignorar a maioria das alucinações. As coisas que ouço geralmente são sem sentido e aleatórias e se fundem em chiados e murmúrios como um barulho de rádio fora da estação. Quase sempre posso convencer a mim mesma de que não é nada a não ser o ruído ambiente.

Ainda assim, há momentos em que um inseto ou flor diz algo mais alto do que os outros — algo importante, pessoal ou relevante — e me chama a atenção. Portanto, quando estou dormindo ou envolvida em qualquer coisa que requeira mais concentração, meu iPod é essencial.

Na pista de skate, as caixas de som tocam de música dos anos 80 a rock alternativo muito alto, o que impede possíveis distrações. Nem preciso usar fones de ouvido. O único problema é que a família de Taelor Tremont é dona do lugar.

Ela ligou antes da inauguração, há dois anos. — Achei que você ficaria interessada em saber o nome que daremos ao espaço — ela disse, com a voz cheia de sarcasmo.

— Ah, sim, e qual é? — perguntei civilizadamente, já que o pai dela, o Sr. Tremont, contratara a loja de artigos esportivos de meu pai como único fornecedor para o megaspaço. O que é muito bom, também, considerando que estávamos à beira da falência por causa das despesas médicas de Alison. E também, como bônus, ganhei um título de sócia vitalícia.

— Bem... — Taelor ironizava devagar. Pude ouvir seus amigos rindo por trás. Eu devia estar no viva-voz. — Meu pai quer chamar de País das Maravilhas. — Risadinhas ecoaram ao fundo. — Achei que você iria gostar, visto que tem tanto orgulho de sua tataravó coelha.

A zombaria me abalou mais do que devia. Devo ter ficado quieta por muito tempo, pois as risadinhas ao fundo cessaram.

— Na verdade — falou ela, tossindo —, acho que já está muito batido. Submundo seria melhor, uma vez que fica debaixo da terra. O que você acha, Alyssa?

Hoje me lembro daquele olhar ligeiramente arrependido de Taelor enquanto passo pelo meio da rampa de skate abaixo do luminoso em neon escrito SUBMUNDO pendurado no teto. É bom saber que ela tem um lado humano. Rock ecoa nas caixas. Enquanto desço pela parte baixa da rampa, vejo outras silhuetas à minha volta contra o fundo de neon.

Equilibrando um pé na parte de trás do skate, me preparo para levantar a parte da frente com o pé. Uma tentativa de fazer um *ollie* algumas semanas atrás me deixou com o cóccix machucado. Agora morro de medo dessa manobra, mas alguma coisa dentro de mim não me deixa desistir.

Preciso continuar tentando ou nunca vou conseguir aprender novas manobras. Minha determinação vai além. É visceral — uma agitação que se embaralha com meus pensamentos e nervos até me convencer de que não estou com medo. Às vezes penso que não estou sozinha em minha própria cabeça, que há parte de outra pessoa lá dentro, alguém que me incita a seguir além dos limites.

Aproveitando a onda de adrenalina, me jogo. Curiosa em saber a altura que estou alcançando, abro os olhos, estatelada. Estou no meio do salto, o cimento se aproximando rapidamente abaixo de mim. Um frio me percorre a espinha. Perco o controle, e o pé da frente escorrega, me jogando para baixo com um sonoro *uuuh*.

A perna e o braço esquerdo tocam primeiro o chão. A dor se alastra por todos os meus ossos. O impacto tira o ar dos meus pulmões, e eu escorrego até parar na parte mais baixa da rampa. Meu skate vem rolando atrás de mim como um bichinho de estimação fiel, até parar, cutucando minhas costelas.

Na ânsia de respirar, me viro de costas. Cada nervo do meu joelho e tornozelo arde em fogo. A faixa da joelheira se soltou e agora há um rasgo em meu legging preto por baixo do short roxo de ciclista. Sobre a superfície verde em declive ao meu lado, vejo uma mancha escura. Sangue...

Recolho o joelho arrebentado, sentindo uma dor aguda ao respirar. Segundos após a queda, três funcionários apitam e chegam de patins pela pista interna. Usam aqueles capacetes com luz de mineiro, mas são, na verdade, salva-vidas estrategicamente colocados em lugares de fácil acesso e munidos de noções básicas de primeiros socorros.

Eles formam uma barreira visível com seus coletes brilhantes para que os outros skatistas não se choquem contra nós, enquanto fazem um curativo e limpam o sangue do chão de cimento com desinfetante.

Um quarto empregado aparece vestindo o colete de gerente. Só pode ser Jebediah Holt.

— Eu devia ter saído fora — falo, enrolando a língua.

— Tá brincando? Ninguém conseguiria evitar uma batida dessas a tempo. — Sua voz profunda fica mais terna quando se ajoelha ao meu lado. — Estou feliz por ver que voltou a falar comigo. — Ele está usando bermuda cargo e camiseta preta por baixo do colete. A luz negra brilha em sua pele, realçando seus braços torneados com reflexos azuis.

Seguro a tira do capacete debaixo do queixo. A luz do capacete dele acerta em cheio o meu rosto. — Pode me ajudar a tirar isto? — peço.

Jeb se inclina mais para perto a fim de poder me ouvir mesmo com a música alta. O perfume dele — uma fragrância de chocolate e lavanda — se mistura ao seu suor, em um aroma tão irresistível quanto cheiro de algodão-doce para uma criança em um parque.

Ele coloca os dedos sob meu queixo e me livra da correia. Ao me ajudar a tirar o capacete, seu polegar roça minha orelha, causando-me um arrepio. A luz de seu capacete ofusca a minha visão. Só consigo distinguir a barba escura por fazer, aqueles dentes brancos e alinhados (com exceção do incisivo esquerdo, que se sobrepõe de leve ao dente da frente) e o piercing sob o lábio inferior.

Taelor protestou, mas ele se recusa a retirar o piercing, o que me faz gostar dele ainda mais. Namoram há apenas alguns meses. Ela não exerce o menor poder sobre o que ele faz.

Jeb coloca as mãos em concha sob meus cotovelos. — Consegue levantar?

— Claro que sim — rebato, sem a intenção de ser ríspida, mas descontente por ser o centro das atenções. Assim que me apoio sobre a perna, sinto uma dor lancinante no tornozelo e caio. Outro empregado me apoia por trás enquanto Jeb se senta e retira seus patins e meias. Antes que eu me dê conta do que está fazendo, ele me carrega para fora da pista.

— Jeb, quero ir andando. — Envolvero seu pescoço com meus braços para manter o equilíbrio. Sinto as risadinhas dos outros skatistas enquanto passo, mesmo sem poder vê-los no escuro. Por causa deles, nunca me esquecerei de que fui carregada para fora como uma diva.

Jeb me suspende mais e fica evidente o quanto estamos próximos: minhas mãos em volta do pescoço dele, seu tórax encostando nas minhas costelas... aqueles bíceps segurando por baixo dos meus ombros e joelhos.

Paro de resistir quando saímos da pista para o chão de madeira.

Primeiro penso que estamos indo para o café, mas passamos pelo salão de jogos e viramos à direita em direção à rampa da entrada, seguindo pelo arco de luz que seu capacete vai definindo. Ele abre a porta que dá para fora com o quadril. Pisco, tentando me adaptar à claridade do lado de fora. Rajadas de vento morno jogam meu cabelo contra o rosto.

Ele me coloca com suavidade sobre o chão de cimento. Senta-se ao meu lado, tirando o capacete e sacudindo o cabelo. Faz algumas semanas que não os corta, e ele está roçando os ombros. Algumas mechas estão mais longas — uma cortina negra que toca o seu nariz. Ele desamarra a bandana vermelha e azul da coxa e a amarra em volta da cabeça, dando-lhe um nó na altura da nuca que tira as mechas da frente do rosto.

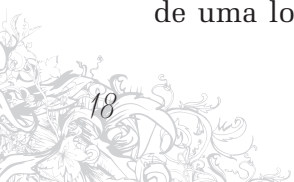
Seus olhos verde-escuros observam o curativo sujo de sangue dos meus joelhos. — Eu falei para você trocar seus acessórios. Suas tiras estão se desfazendo há semanas.

Lá vamos nós. Ele já mudou para o modo *irmão mais velho*, mesmo sendo só dois anos e meio mais velho que eu e estando só um ano à frente de mim na escola. — Tem falado com meu pai, é?

Ele franze o rosto e começa a retirar suas joelheiras. Eu também retiro a minha.

— Na verdade — digo, mentalmente me censurando por não ter o bom senso de me retirar para dentro da minha bolha de silêncio —, eu deveria ser grata a você e ao meu pai por me deixarem vir para cá. Considerando que este lugar seja tão escuro e amedrontador, coisas ruins podem acontecer a uma garota tão indefesa.

Um músculo se move no maxilar de Jeb, sinal de que o atingi. — Isto não tem nada a ver com seu pai. Sem falar que ele é dono de uma loja de esportes, o que significa que você não tem des-



culpa para não manter seu equipamento em dia. Andar de skate pode ser perigoso.

— Sim, e Londres também, certo? — Olho para os carros reluzentes do estacionamento enquanto aliso minha camiseta amassada com estampa de coração sangrando envolto em arame farpado. Poderia muito bem ser uma radiografia do meu peito.

— Ótimo — rebate ele, atirando as joelheiras para o lado. — Então você ainda não superou.

— Não superei o quê? Em vez de me defender, você ficou do lado dele. Agora não posso ir lá até me formar. Por que isso deveria me incomodar? — Puxo minha luva mitene para abafar a raiva, que faz a minha língua fervilhar.

— Pelo menos, ficando em casa, você *vai* se formar. — Jeb pega sua cotoveleira e puxa a tira de velcro com força, pontuando o que acabara de dizer.

— Eu também teria me formado lá.

Ele bufa.

Não deveríamos ter discutido aquele assunto. A decepção ainda era muito recente. Eu estava muito vidrada no programa de intercâmbio que permitia a estudantes do último ano do Ensino Médio terminarem seus estudos em Londres e ao mesmo tempo obterem créditos para estudar em uma das melhores escolas de arte da cidade. A mesma universidade para a qual Jeb está indo.

Algumas semanas atrás, meu pai pediu que ele jantasse conosco para falar sobre o programa, já que ele tinha ganhado uma bolsa e planejava se mudar para Londres no verão. Achei que era uma ótima ideia, que com Jeb junto estaria tudo certo para mim. E então os dois, juntos, decidiram que ainda não era a hora certa para eu ir. *Os dois* decidiram.

Meu pai se preocupa porque Alison tem aversão à Inglaterra — muitas histórias da família Liddell. Acha que minha ida causaria nela uma recaída. Ela já tem mais furos de agulhas que muitos drogados de rua.

Ao menos suas objeções faziam sentido. Mas eu ainda não descobrira por que Jeb votara contra a ideia. O que importava agora? O prazo final foi sexta-feira passada, portanto não havia como mudar as coisas agora.

— Traidor — murmurei.

Ele abaixa a cabeça, me forçando a olhar para ele. — Estou tentando ser seu amigo. Você ainda não está pronta para ficar tão longe do seu pai... Não vai ter ninguém para cuidar de você.

— Você vai estar lá.

— Mas não vou poder estar com você a cada segundo. Meus horários vão ser loucos.

— Não preciso de alguém comigo a todo instante. Não sou uma criança.

— Eu nunca disse que você era uma criança. Mas você nem sempre toma as melhores decisões. Neste caso pelo menos — ele belisca minha canela, soltando meu *legging* rasgado com um estalo.

Senti um tremor de euforia percorrendo minha perna. Me encolhi, convencendo-me de que eram apenas cócegas. — Então quer dizer que não posso cometer erros?

— Não erros que possam te machucar.

Balanço a cabeça. — Como se ficar presa aqui não machucasse. Em uma escola que não suporto, com colegas de classe que acham muito engraçado ficar fazendo piadas sobre o rabo branco de coelho que estou escondendo. Obrigada por isso, Jeb.

Ele suspira e se senta. — Está certo. Então é tudo culpa minha. Aposto que o fato de você ter “comido cimento” lá dentro também foi culpa minha.

O nervosismo distorce sua voz e corta meu coração. — Bem, aquela queda foi meio culpa sua — eu digo, suavizando a voz, num esforço consciente para abrandar a tensão que tinha se criado entre nós. — Eu já teria aprendido a manobra do pulo se você ainda estivesse me dando aulas de skate.

Os lábios de Jeb se torcem. — Então o novo professor, Hitch... está dando em cima de você?



Dou um soco nele, extravasando um pouco da frustração reprimida. — Não, não está.

Jeb finge espanto. — Mas bem que gostaria. Avisei que daria nele se...

— Como se você mandasse em alguma coisa. — Hitch tinha dezenove anos e era perito em falsificar identidades e usar drogas recreativas. Forte candidato à prisão. Sei que não devo me envolver com ele, mas quem decide sou eu.

Jeb me lança um olhar. Pressinto um sermão sobre os perigos de andar com um cara sem rumo.

Tiro um grilo da perna dando um peteleco com minha unha azul, recusando-me a deixar que os sussurros do inseto deixem este momento ainda mais estranho.

Felizmente, as portas se abrem atrás de nós. Jeb se afasta para dar passagem a algumas garotas. Uma nuvem de perfume com cheiro de talco nos atravessa quando elas passam e acenam para Jeb. Ele cumprimenta com a cabeça. Fica olhando elas entrarem em um carro no estacionamento e partirem.

— Ei — dispara ele. — Hoje é sexta. Não era para você ir visitar sua mãe?

Levo um susto com a súbita mudança de assunto. — Vou encontrar meu pai lá. E depois prometi a Jen substituí-la nas duas últimas horas do turno dela. — Depois de olhar para minhas roupas rasgadas, olho para o céu: o mesmo azul surpreendente dos olhos de Alison. — Espero que dê tempo de passar em casa e me trocar.

Jeb se levanta. — Vou assinar o ponto e sair — ele diz. — Pegue seu skate, sua mochila e te levo na clínica.

Era a última coisa de que eu precisava.

Jeb e sua irmã, Jenara, nunca haviam visto Alison; somente por fotografias. Nem mesmo sabem a verdade sobre minhas cicatrizes ou sobre o motivo de eu usar luvas. Todos os meus amigos pensam que, em um acidente de carro com minha mãe quando eu era criança, o para-brisa feriu minhas mãos e lesionou o cérebro dela. Meu pai não gosta de mentiras, mas a realidade era tão bizarra que ele me permitia enfeitá-la.

— Mas e a sua moto? — perguntei, para ir ganhando tempo, ao constatar que a Honda CT 70 *vintage* tunada não se encontrava em nenhum lugar do estacionamento.

— A previsão era de chuva, então a Jen me deixou aqui — justifica. — Seu pai te leva para o trabalho mais tarde e eu levo seu carro para casa depois. Não é tão fora do meu caminho.

A família de Jeb mora bem perto do nosso dúplex. Meu pai e eu e fomos nos apresentar a eles uma manhã, logo após eles terem se mudado. Jeb, Jenara e eu ficamos próximos antes do começo da sexta série, no outono seguinte — tão próximos que no primeiro dia de aula Jeb bateu em um menino no corredor quando ele me chamou de amante escrava do Chapeleiro Maluco.

Jeb coloca os óculos escuros e ajeita o nó da bandana atrás da cabeça. O sol bate em seus braços brilhantes salpicados de pequenas cicatrizes redondas.

Olho para os carros estacionados. Gizmo — meu Gremlin 1975, que tem esse nome por causa do personagem de um filme dos anos 1980 que meu pai foi assistir com Alison em seu primeiro encontro — não está muito longe. Há a possibilidade de Alison estar no saguão com meu pai. Se não posso contar com Jeb para me apoiar no assunto de Londres, não posso deixar que veja a maior maluca que já apareceu na minha árvore genealógica.

— Não, não — retruca ele. — Conheço esse olhar. Você não pode de jeito nenhum dirigir um carro manual com o tornozelo torcido. — Ele estende a mão. — Passe para cá.

Revirando os olhos, coloco as chaves nas mãos dele.

Ele empurra os óculos escuros para cima da bandana no alto da cabeça. — Espere aqui, vou ajudar você.

Uma lufada de ar-condicionado atinge o meu rosto quando a porta de entrada do parque se bate atrás dele. Sinto algo em minha perna, desta vez não jogo o gafanhoto para longe e ouço seu sussurro em alto e bom som: *já está fadado*.

— Sim — sussurro em resposta, acariciando suas asas e me entregando às minhas alucinações. — Estará tudo acabado quando Jeb vir Alison.

